

MERCADO DE ALHO NO MERCOSUL: produção, estacionalidade e consolidação do mercado¹

Waldemar Pires de Camargo Filho²
Humberto Sebastião Alves³

1 - INTRODUÇÃO

O abastecimento de alho no Brasil sempre teve a participação do produto nacional e do bulbo importado. Essa característica faz parte do mercado mundial, em razão de o bulbo ser passível de armazenamento e haver facilidade de transporte entre países e hemisférios.

Este estudo pretende analisar a participação do alho importado no abastecimento do Brasil no período 1971-2004. No contexto da produção mundial serão citados os acordos comerciais no período 1960-90, que regiam as importações de produtos agrícolas no Brasil, e como ele ficou com o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). Serão apresentados a evolução da produção brasileira e da Argentina e os estados produtores, no período 1990-2004. Serão analisados, também, os preços e as quantidades nos mercados atacadistas de Buenos Aires e de São Paulo.

2 - MATERIAL E MÉTODO

A metodologia adotada para análise tem como material as estatísticas de produção e de comércio internacional da FAO (2003), as informações de produção e preços mensais publicadas em Informações Estatísticas da Agricultura do Instituto de Economia Agrícola (ANUÁRIO, 2004), da Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación (SAGPyA, 2004) da Argentina, os dados de importação do Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC, 2004), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004), da Embrapa-Hortaliças (2004) e da CEAGESP (BOLETIM, 1998-2003). O método uti-

lizado para o cálculo do padrão estacional bianual na análise de mercado foi o da média móvel geométrica centralizada descrito em Hoffmann (1991).

3 - COMÉRCIO MUNDIAL DE ALHO

A produção mundial em 2003 foi de 13,6 milhões de toneladas, sendo a China o maior produtor com 73,9%, a Argentina ocupa a sétima posição no *ranking* e o Brasil a oitava, com 0,9% do total (Tabela 1). Observe-se que os maiores produtores de alho do Hemisfério Sul estão na América do Sul.

O comércio mundial transacionou anualmente cerca de 8,2% da produção mundial no período 2000-02. Os maiores exportadores foram a China com 70% do total negociado no mundo, seguida da Argentina com 7,6% e a Espanha, 6%. Os principais importadores são a Indonésia com 21% da quantidade total importada no mundo, seguida do Brasil 8,6%, em terceiro a Malásia com 7,4% e em quarto os Estados Unidos da América com 4%, conforme informações da FAO (2004).

4 - CONTEXTO DO ABASTECIMENTO DE ALHO NO BRASIL

O comércio internacional de alho é baseado em duas safras: a do hemisfério norte, colhida no primeiro semestre, e a do hemisfério sul, colhida no segundo semestre. Além disso, deve-se observar que, como o alho é produto armazenável, os agentes dos mercados avaliam seus estoques em cada semestre frente à quantidade demandada regionalmente, à produção e aos preços dos países ofertantes. Dessa maneira quando há excesso, os estoques são "rolados" ou transferidos no tempo para oferta futura, forçando queda de preços no mercado atacadista e conseqüentemente em nível de produtores, pois esses estoques se elevam em virtude do encontro como a safra seguinte.

¹Cadastrado no SIGA NRP1650 e registrado no CCTC IE-06/2005.

²Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Economista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Área e Produção de Alho nos Principais Países Produtores, por Região e Mundo, 2003

Região/país	Área (1.000ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (1.000t)	Participação (%)
Ásia	807	13.706	11.061	81,15
China	632	15.946	10.078	73,94
Índia	120	4.167	500	3,67
Coreia do Sul	33	11.455	378	2,77
Tailândia	22	4.773	105	0,77
África	9	23.226	216	1,58
Egito	9	23.226	216	1,58
Europa	44	6.614	291	2,13
Espanha	23	8.174	188	1,38
Ucrânia	21	4.905	103	0,76
América do Norte	19	28.516	327	2,40
EUA	14	20.214	283	2,08
México	5,3	8.302	44	0,32
América do Sul	40	31.421	328	2,41
Argentina	15	8.759	127	0,93
Brasil	15	8.188	122	0,90
Peru	7	7.808	57	0,42
Chile	3	6.667	22	0,16
Outras regiões	220	6.395	1.407	10,33
Total mundial	1.139	11.967	13.630	100,00

Fonte: FAO (2003).

4.1 - Integração de Mercado e Política Agrícola para o Abastecimento

Até o início da década de 1980, o abastecimento brasileiro com alho dependia da importação. Para integrar e proteger o comércio entre países sul-americanos foram criados acordos comerciais que regulamentavam o comércio de frutas e hortaliças. Na América do Sul duas tentativas de integração de comércio que merecem destaque: a ALALC e a ALADI;

- A Associação de Livre Comércio da América Latina (ALALC), formada em fevereiro de 1960, nascida do tratado de Montevidéu⁴, assinada por Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, México, Paraguai e Peru, e, posteriormente, também aderida por Colômbia, Equador, Bolívia, Venezuela, visava a eliminação do maior número possível de restrições comerciais entre os membros.
- A ALALC deixou de existir em 1980, devido à criação da Associação Latino-Americana para o

Desenvolvimento e Integração (ALADI), criada pelo tratado de Montevidéu em 12 de agosto de 1980.

Este último tratado que permanece em vigor e inalterado até hoje visa promover o mercado regional e serve de referência às negociações de frutas com o Chile e o Peru.

Conforme Camargo e Camargo Filho (1999), a União Européia, o segundo maior bloco econômico do mundo, iniciou a formação do mercado comum na década de 1960 com o tratado de Roma que organizou diretrizes de Política Agrícola Comum (PAC) em 1957, com normas, leis e procedimentos na área de produção, comércio e formação de estoques de grãos e cereais para o abastecimento dos países integrantes. Atualmente é um bloco coeso e em expansão com moeda própria e política agrícola desenvolvida. O GATT, organismo criado para disciplinar e agilizar o comércio mundial, foi substituído pela Organização Mundial do Comércio (OMC), fundada em 1995, que inclui 145 países e está sediada em Genebra, na Suíça.

Isto mostra que para obter sucesso na consolidação de um mercado num bloco de paí-

⁴<<http://www.plannersbrasil.com.br/mercosul/aladi.html>>

ses é necessária a criação de diretrizes de política agrícola comum aos membros.

4.2 - Plano Nacional de Abastecimento

O Plano foi promovido pela Gerência de Horticultura do então Ministério da Agricultura, quando foi ministro Allison Paulineli, o gerente foi o extencionista Sergio Mario Regina, o paladino do alho, conforme era descrito na Sociedade de Olericultura do Brasil.

A implantação do Plano Nacional de Produção e Abastecimento de Alho (PLANALHO), na década de 1980, proporcionou o cultivo em novas regiões de produção no Brasil, além do que os produtores investiram em tecnologia para melhorar sua eficácia.

Após a execução do PLANALHO, no último quinquênio da década de 1980 foi implantado o programa nacional de produção e abastecimento de alho - expansão e desenvolvimento. No Brasil, já existem medidas de política agrícola criada pelo PLANALHO, que beneficia o alho com o preço mínimo, é preciso, porém, implantar política para administração de estoques (MINISTÉRIO, 1985).

Camargo Filho; Sueyoshi; Mazzei (1992) analisaram o abastecimento de alho no Brasil e concluíram que as diretrizes de política agrícolas implantadas no PLANALHO influenciaram positivamente a variação estacional de preços e quantidades no Brasil, diminuindo a oscilação de preços.

O PLANALHO tinha como objetivo melhorar a produção e a distribuição do alho nacional e restringir a importação.

Após essas tentativas de acordo comercial entre países na América do Sul, em 1990 foi criado o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), cujo objetivo é o de integrar o mercado dos quatro países participantes, havendo intenção de se estender a outros. Esses países necessitam de diretrizes de política agrícola comum, visando o abastecimento do bloco e evitando os desequilíbrios de oferta de alimentos.

5 - PRODUÇÃO NO MERCOSUL

O abastecimento dos quatro países do

MERCOSUL com alho na década de 1990 dependeu significativamente das produções brasileira e argentina, pois as produções do Paraguai e Uruguai não ultrapassaram 3% da quantidade produzida (FAO, 2003).

O abastecimento de alho no Brasil teve alterações significativas nos últimos quinze anos, com a formação do MERCOSUL, devido ao fornecimento de alho argentino e de regiões brasileiras. Além disso, com a globalização, a China tornou-se o segundo maior abastecedor do MERCOSUL, além da Espanha, tradicional exportadora no segundo semestre. Em razão disso a quantidade ofertada aumentou significativamente. Isso causou desequilíbrio ao mercado e perdas aos produtores de alhos dos dois países pelo excesso de oferta. Apesar dessas crises, a cadeia produtiva teve avanços no setor produtivo com aumento da quantidade e custos menores.

A abertura comercial na década de 1990 ocorreu num estágio singular da alhicultura brasileira, quando havia expansão da fronteira agrícola e a produção de alho incorporava tecnologia, adotando novas variedades, melhorando tratamentos culturais e implementando a irrigação, o que possibilitou as regiões se ajustarem ao novo contexto de mercado.

Boeing e Seben (1995) que realizaram estudo de produção e abastecimento de alho no MERCOSUL, analisaram as principais regiões produtoras da Argentina entre outros países, explicam que a principal província produtora é Mendoza, que juntamente com outras três, detém 80% da produção. Mostraram que com o início do MERCOSUL, a Argentina teve a oportunidade de se tornar o país principal abastecedor do mercado brasileiro e sua produção média no período 1991-96 aumentou em 61% relativamente à década anterior. A produção argentina no período 1997-2004 continuou aumentando, sendo 35% maior que o período anterior e ultrapassando 100 mil toneladas por ano.

O alho chinês, dada a quantidade ofertada, a variação da qualidade e, em época do comércio, exige rediscussão para criação da Tarifa Externa Comum (TEC) para proteger o mercado. Essa tarifa foi adotada para o alho chinês durante um período previsto (1995-2000) e não foi mais discutida, após o término do prazo. Observa-se que a China por ser o maior produtor e exportador mundial envia quantidades significativas e nem sempre com qualidade desejada. Ou-

tras necessidades são a discussão de medidas regulatórias do mercado comum que disciplinam o abastecimento.

A produção de alho na Argentina no triênio 1979-81 foi de 82 mil toneladas. Nesse período funcionava o acordo comercial da ALALC. No período 1971-81 a Argentina produziu 73,1 mil toneladas/ano. No período 1982-90 a produção média argentina foi de 39,1 mil toneladas/ano, retraindo-se em 46,5% relativamente ao período anterior. Em 1989-91 a produção argentina regressou 60% e de 1992 a 2002 praticamente triplicou, quando no triênio 2001-03 a média anual foi de 129,3 mil toneladas (Tabela 2). Isso ocorreu porque o mercado brasileiro na vigência do MERCOSUL é preferido pelos argentinos. Conforme a SAGPyA (2004), 65% das exportações argentinas (80.700 toneladas) foram enviadas ao Brasil no período 1999-2003.

TABELA 2 - Área Cultivada e Produção de Alho na Argentina, 1989-91 a 2003

Ano	Área (ha)	Produção (t)	Protutividade (kg/ha)
1979-81	17.000	82.000	4.824
1989-91	8.000	49.000	6,125
1992	6.000	50.000	8,333
1993	11.000	80.000	7,273
1994	9.000	87.000	9,667
1995	8.000	72.000	9,000
1996	8.000	75.000	9,375
1997	12.135	116.248	9,580
1998	15.736	148.032	9,407
1999	15.200	141.360	9,300
2000	16.234	149.256	9,194
2001	14.764	134.768	9,128
2002	13.905	126.178	9,074
2003	15.000	127.000	8,467

Fonte: FAO (2003) e Secretaria (2004).

Os argentinos cultivam as variedades de alho roxo, rosado e branco, com qualidade para o mercado internacional, sendo o mercado brasileiro a principal meta. No Brasil, a diversificação de produção permite que o País participe do abastecimento nos dois semestres do ano. No Brasil e na Argentina já são utilizadas as normas de classificação e embalagem do alho. Na comercialização intrabloco essas normas devem

ser respeitadas.

A produção brasileira de alho teve aumento graças à incorporação tecnológica no cultivo, resultado de investimento na produção e organização do comércio na década de 1980. No período 1990-97 a produtividade era menor que 4,8t/ha e no biênio 2003-2004 foi superior a 8,0t/ha. Com isso houve redução da área plantada e a produção no período 2001-2004 ultrapassou 100 mil toneladas por ano (Tabela 3).

TABELA 3 - Área Cultivada e Produção de Alho, no Brasil, 1990 a 2004

Ano	Área (ha)	Produção (t)	Protutividade (kg/ha)
1990	17.149	71.087	4.145
1991	18.722	84.771	4.528
1992	16.900	78.889	4.668
1993	17.441	86.936	4.985
1994	17.660	84.172	4.766
1995	12.762	59.017	4.624
1996	11.997	52.005	4.335
1997	12.906	60.749	4.707
1998	10.883	55.217	5.074
1999	12.098	69.787	5.768
2000	13.269	84.141	6.341
2001	14.349	101.917	7.103
2002	15.760	114.436	7.261
2003	14.943	122.133	8.173
2004	11.559	90.947	7.868

Fonte: IBGE (jun. 2004).

A tabela 4 apresenta os principais Estados produtores no Brasil: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás e Bahia. Observa-se que no Sul as produções gaúcha e catarinense declinaram enquanto nos estados do Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste aumentaram.

6 - ABASTECIMENTO BRASILEIRO 1971-2004

No período 1971-80 o Brasil importava 50,6% do alho para realizar o abastecimento. No primeiro semestre o mercado era abastecido com produto nacional e aqueles procedentes do Chile, Peru e Argentina (Tabela 5).

No segundo semestre, o Brasil importa-

TABELA 4 - Área Cultivada e Produção de Alho por Estado, Brasil, 1999-2004

Estado	1999		2000		2001	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
Rio Grande do Sul	4.009	22.599	4.145	24.435	4.145	24.435
Santa Catarina	2.375	16.421	2.793	20.909	2.793	20.909
Minas Gerais	1.822	10.226	1.922	11.017	1.922	11.017
Goiás	1.303	7.552	1.536	10.206	1.536	10.206
Bahia	943	4.838	1.277	8.462	1.277	8.462
Outros	1.641	8.151	1.596	9.112	1.596	9.112
Total	12.093	69.787	13.269	84.141	13.269	84.141

Estado	2002		2003		2004	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
Rio Grande do Sul	4.586	28.358	3.997	25.284	3.604	22.151
Santa Catarina	2.910	15.296	2.145	15.656	1.800	13.140
Minas Gerais	2.869	26.669	3.293	33.830	2.210	22.835
Goiás	1.909	19.525	2.393	24.272	1.155	12.820
Bahia	1.558	13.167	1.666	13.903	1.447	11.516
Outros	1.703	11.129	1.448	9.188	1.343	8.485
Total	15.535	114.144	14.942	122.133	11.559	90.947

Fonte: IBGE (jun. 2004).

TABELA 5 - Abastecimento Brasileiro de Alho, População e Disponibilidade, 1971-2004

Período	Produção (t) (A)	Importação (t) (B)	Total (t) (C)	Participação (A/C) (%)	População Brasil (mil habitantes) (D)	Disponibilidade (C/D) (hab)
1971-80	31.030	31.752	62.782	49,42	109.650	573
1981-90	58.734	18.611	77.345	75,94	136.870	565
1991-94	83.790	37.478	121.268	69,09	154.800	783
1995	59.017	85.100	144.117	40,95		
1996	52.005	101.035	153.040	33,98		
1997	60.749	99.427	160.176	37,93		
1998	55.217	103.960	159.177	34,69		
1999	69.787	93.378	163.165	42,77	165063 ²	945 ²
2000	84.141	88.807	172.948	48,65		
2001	101.917	77.828	179.745	56,70		
2002	114.436	79.334	193.770	59,06		
2003	122.133	91.565	213.698	57,15		
2004 ¹	90.947	88.338	179.285	50,73	176631 ³	1064 ³

¹Quantidade importada de 2004 (janeiro a novembro).

²Média do quinquênio 1995-99.

³Média do quinquênio 2000-04.

Fonte: Elaborada pelos autores com dados de Camargo Filho; Mazzei; Alves (2001), IBGE (2004), Ministério (2004).

va alho do Hemisfério Norte, chamados de "extrazona", porque os países exportadores não faziam parte do acordo.

A produção brasileira se diversificou com a expansão da produção pelos estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, aumentou a quan-

tidade produzida e melhorou a qualidade do alho. Assim, no período 1981-90 a Argentina e outros países da América Latina participaram pouco do mercado brasileiro e a importação de alho contribuiu apenas com 24,1% do abastecimento nacional.

Em 1991 o Brasil importou 20,97% do alho para seu abastecimento predominantemente da Argentina. Além do alho argentino que possui preços compatíveis com o mercado brasileiro houve menor importação de outros países. No entanto, em 1994, o País importou 63,8 mil toneladas, sendo cerca de 27 mil toneladas da China que possui preços muito abaixo daquele do mercado brasileiro, igual quantia foi importada da Argentina, além de outros com pequena participação. Em 1996 a importação atingiu o volume recorde, continuando alta em 1997. O alho chinês a partir de 1995 foi sobretaxado em US\$0,40/kg.

Além disso, no Brasil, o Estado de Goiás isentou o alho da tributação do ICMS, o bulbo estrangeiro tem sua entrada livre no mercado brasileiro, via Goiás, competindo em desigualdade com o produto nacional. Produtores argentinos aumentaram sensivelmente sua produção na década de 1990, visando o abastecimento do mercado brasileiro. Inclusive, alegam que produzem alho com semente oriunda da China. Como não há controle dos estoques, existe a possibilidade de a Argentina importar alho chinês no segundo semestre para seu consumo e sua produção, que já está em crescimento, poderia ser destinada ao Brasil. Em 1996 e 1997 cerca de 50% do alho importado teve origem argentina e em 1998, até junho, 87%.

No período 1992-98 a situação de mercado para o alho brasileiro foi muito difícil, pois as quantidades importadas foram crescentes. A produção nacional reduziu no triênio 1995-97 para cerca de 60.000 toneladas por ano (Tabela 5). A única saída aos produtores brasileiros é cultivar alhos nobres vernalizados visando antecipar sua colheita, aumentar produtividade, reduzir tempo de armazenamento e participar do mercado no segundo semestre e até fevereiro, quando é menor a concorrência.

A tabela 5 apresenta a disponibilidade do alho no mercado brasileiro. Antes da década de 1990 era menor que 800 gramas por habitante/ano. No século XXI ultrapassou a um kg/*per capita*.

A quantidade importada de alho é praticamente consumida integralmente, enquanto da produção nacional deve-se descontar cerca de 18% que é para semente, além disso, existe quebra de produção devido à secagem e descartes de bulbos fora do padrão, mesmo assim a redução da produção nacional ultrapassa 30%, evidenciando a maior disponibilidade do alho no

consumo dos brasileiros.

Por outro lado o consumo domiciliar de alho em bulbo no Brasil tem diminuído nos últimos 30 anos, devido, entre outras razões, ao aumento da industrialização de alimentos, à urbanização, à importância da mulher como força de trabalho, com a redução de seu tempo para os trabalhos domésticos, induzindo a utilização de temperos prontos. Além disso, pelos mesmos motivos, houve aumento nas refeições fora do lar e no consumo de temperos prontos: *catchup*, purê de tomate, salgadinhos, temperos com cebola e alho e sal.

A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE em 1974/75 constatou que o consumo de alho em bulbo no domicílio na cidade de São Paulo era de 600 gramas/habitantes, na pesquisa 1987/88 diminuiu para 345 gramas *per capita* e na POF 1995/96 foi 288 gramas por habitante por ano, enquanto nas regiões metropolitanas brasileiras foi em média de 337 gramas (IBGE, 1998).

7 - COMERCIALIZAÇÃO DO ALHO

Estima-se que o consumo de alho no Brasil é de 160 a 170 mil toneladas/ano, calcula-se que cerca de 15% é para semente e os restantes são bulbos comercializados *in natura* e para consumo industrial. O consumo brasileiro antes do Plano Real era de 130 mil t/ano. A Argentina consome cerca de 31 mil toneladas de alho *in natura* (37% da produção atual), 11% é destinado à semente e 2%, à indústria, portanto cerca de 50% de sua produção é enviada ao Brasil (CLAUSSE, 1995).

No Mercado Central de Buenos Aires (MCBA) a quantidade anual comercializada no período 1998-2003 foi de 2.411t, com preço médio de US\$19,61/cx.10kg.

Camargo Filho; Mazzei; Alves (2001), realizaram estudo onde calcularam o padrão estacional do preço de alho no MCBA no período 1990-99 e dos preços de alho nacional e do importado no ETSP-CEAGESP no período 1995-2001.

7.1 - Variação Estacional de Preços em Buenos Aires

O período de preços altos é de abril a

outubro, enquanto os menores preços ocorrem de novembro a março (Figura 1). Essa situação reflete o período de colheita de alho na Argentina, quando grande parte é comercializada sem passar pelo Mercado Central de Buenos Aires (MCBA) e também porque parte é direcionada ao mercado brasileiro.

As maiores quantidades mensais comercializadas ocorrem nos meses de abril a novembro, as menores de janeiro de março (Figura 2).

7.2 - Variação Estacional de Preços em São Paulo

O mercado atacadista de São Paulo reflete os níveis de preços praticados no Sudeste brasileiro, no entanto, a comercialização ocorre em dois locais: no mercado tradicional e no entreposto da CEAGESP. No Entreposto Terminal de São Paulo (ETSP), em 1997, comercializou-se cerca de 4.520 toneladas por ano, sendo 22% de alho nacional e o restante importado. As principais procedências em 1997 foram por ordem de importância: Argentina (53%), China (17%), Chile (6%), Espanha e México (2%). A quantidade mensal comercializada no ETSP-CEAGESP em 1998 foi de 5.783 toneladas e em 2003, 9.382 t, o crescimento foi de 108,5% (1997-2003) e o alho de procedência nacional participou com 54%. Os alhos estrangeiros continuaram com participação similar.

A comercialização do alho tem grande influência dos estoques em mãos dos atacadistas da indústria, assim a variação estacional da quantidade comercializada na CEAGESP reflete o perfil do mercado no Sudeste brasileiro que foi turbulento.

No mercado atacadista de São Paulo, no período 1998-2003, o preço médio do alho nacional foi R\$37,60/cx.10kg. O alho nacional teve pico de preços acima da média no segundo semestre (Figura 3).

A variação estacional bianual de preços mostra diferença entre os anos com final par e ímpar. Nos anos ímpares, a média foi menor, indicando que nesses anos houve superabastecimento e preços baixos, enquanto nos anos pares a média foi maior.

A figura 4 mostra a estacionalidade da quantidade ofertada de alho nacional na CEA-

GESP, os meses de abril a julho são de entressafra, enquanto no primeiro semestre existe abastecimento com a concorrência do alho argentino e nacional. Normalmente, quando os preços no ETSP estão baixos o envio do alho a ser comercializado naquele mercado atacadista diminui. Assim em anos com final ímpar a quantidade comercializada foi 22% menor.

A variação estacional bianual do preço do alho argentino no período 1998-2003 mostra mercado estável com preços 16% menores em anos com final ímpar (Figura 5). A estacionalidade da quantidade evidencia que nos anos com final ímpar a quantidade média foi menor com forte oscilação (Figura 6). Isso é reflexo do excesso de oferta e da concorrência do alho chinês, que tem melhor preço. No período 1998-2004 o alho chinês teve média de preços nos anos pares de R\$38,50/cx.10kg e nos ímpares R\$36,50/cx.10kg).

Em 1997 os preços de alho nacional e importado voltaram a ter correlações compatíveis e similares aos valores ocorridos antes da participação do alho chinês. O alho espanhol teve preços próximos a R\$32,00/cx.10kg enquanto o argentino roxo oscilou no primeiro semestre entre R\$28,00 e R\$33,00. O alho argentino branco teve faixa de preço entre R\$20,00 e R\$27,00; o alho chinês teve seus preços em caixa de 10kg oscilando entre R\$26,00 e R\$33,00. O alho vernalizado produzido em Brasília teve faixa de preço médio mais freqüente de R\$28,00 por caixa de 10kg.

Em 1998, o alho argentino roxo teve seu preço, em caixa de 10kg, elevado e oscilou entre R\$25,00 e R\$40,00, enquanto o alho branco da mesma procedência teve sua cotação entre R\$24,00 e R\$28,00. O preço do alho espanhol, no segundo semestre, oscilou no mercado atacadista de São Paulo entre R\$36,00 e R\$42,00, enquanto o alho da China teve cotação que variou entre R\$36,00 e R\$38,00. O alho brasileiro nesse período teve seus preços entre R\$30,00 e R\$45,00.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a globalização econômica e o MERCOSUL na década de 1990, o Governo brasileiro não implantou nenhuma medida de política agrícola que integrasse os alicultores brasileiros ao novo contexto. Governo e produtores argen-

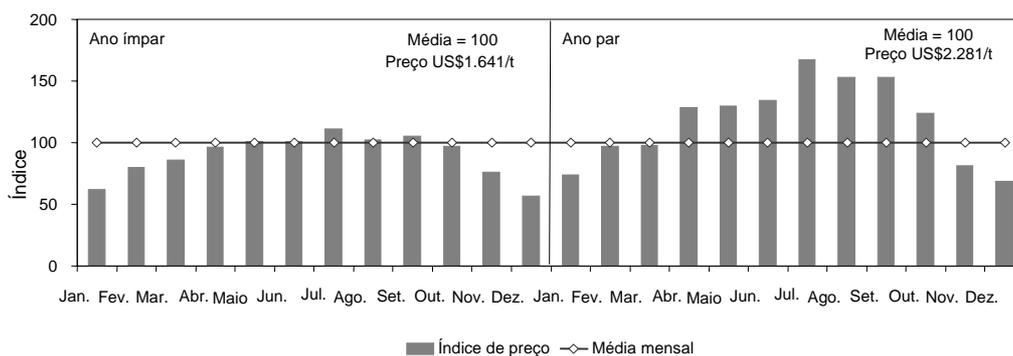


Figura 1 - Variação Estacional Bianual do Preço de Alho Comercializado no MCBA, 1998-2003.
Fonte: Elaborada pelos autores com dados de Secretaria (2004).

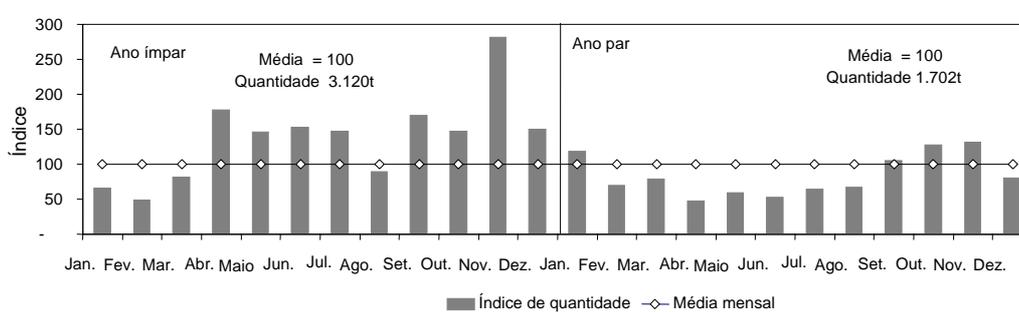


Figura 2 - Variação Estacional Bianual de Quantidade de Alho Comercializado no MCBA, 1998-2003.
Fonte: Elaborada pelos autores com dados de Secretaria (2004).

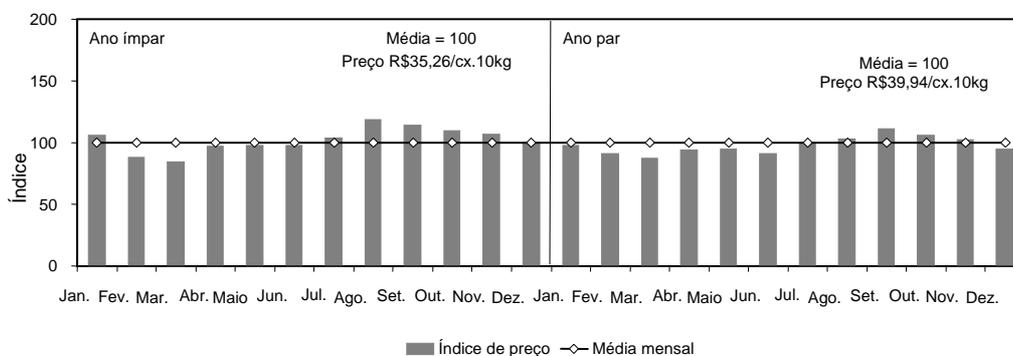


Figura 3 - Variação Estacional Bianual do Preço de Alho Nacional Comercializado na CEAGESP, 1998-2003.
Fonte: Elaborada pelos autores com dados de Boletim (1998-2003).

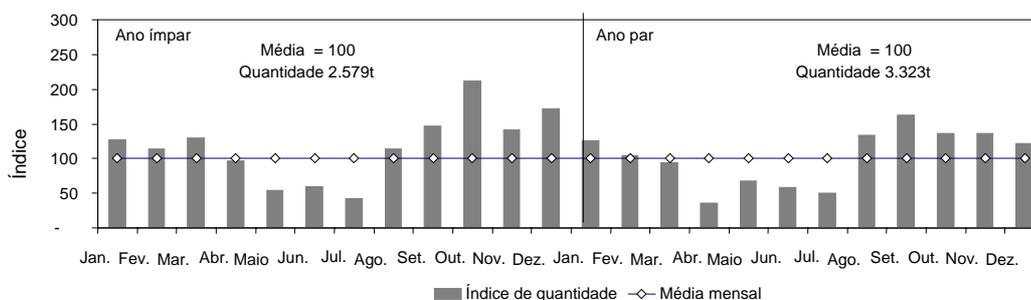


Figura 4 - Variação Estacional Bianual de Quantidade de Alho Nacional Comercializado Na CEAGESP, 1998-2003.
Fonte: Elaborada pelos autores com dados de Boletim (1998-2003).

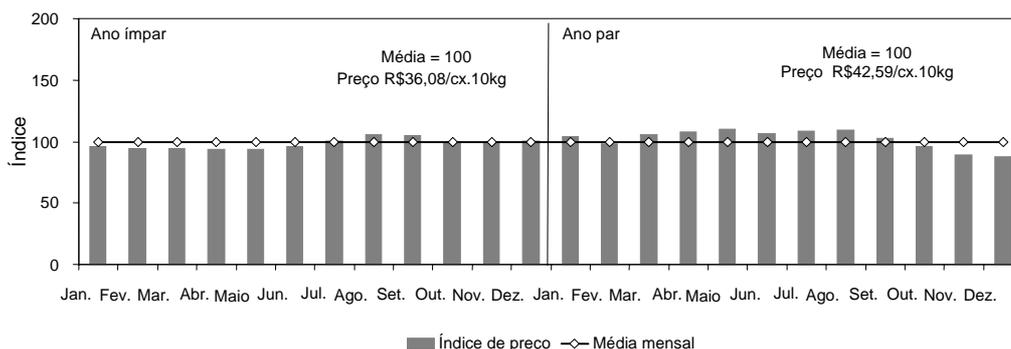


Figura 5 - Variação Estacional Bianual do Preço de Alho Argentino Comercializado na CEAGESP, 1998-2003. Fonte: Elaborada pelos autores com dados de Boletim (1998-2003).

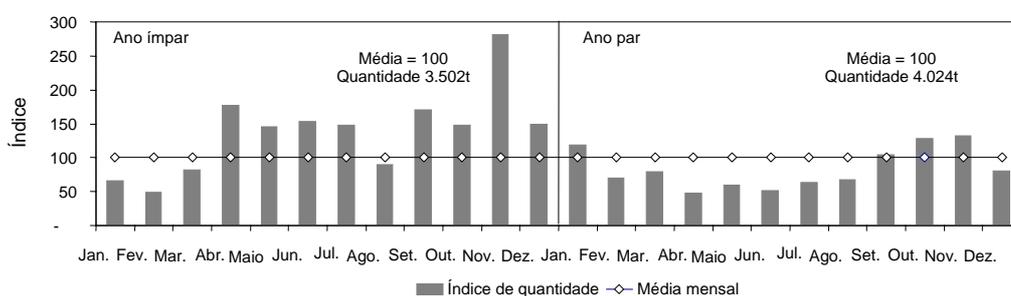


Figura 6 - Variação Estacional Bianual de Quantidade de Alho Argentino Comercializado na CEAGESP, 1998-2003. Fonte: Elaborada pelos autores com dados de Boletim (1998-2003).

tinhas interesse no abastecimento brasileiro, com competitividade e custos de produção compatíveis. É necessário que se organizem a produção e o abastecimento do MERCOSUL e se ajustem medidas regulatórias e de proteção ao mercado do alho.

A produção da China é que se apresenta como ameaça ao MERCOSUL, enviando quantida-

de significativa a preço baixo e qualidade variável.

Em razão da complexidade do comércio mundial e da falta de diretrizes no MERCOSUL, é premente a urgência da criação de medidas de política agrícola para a organização do cultivo e regulação do mercado para o sucesso da participação do bloco no comércio internacional e no abastecimento interno.

LITERATURA CITADA

ANUÁRIO DE INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS DA AGRICULTURA: Anuário IEA, 2004. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso em: 2005.

BOEING, G.; SEBEN, J. C. **Alho**. Florianópolis: Instituto de Planejamento e Economia Agrícola, jan. 1995. 114 p. (Estudos de Economia e Mercado de Produtos Agrícolas, 3).

BOLETIM MENSAL DA CEAGESP. São Paulo, 1998-2003

CAMARGO FILHO, W. P. de; MAZZEI, A. R.; ALVES, H. S. Mercado de alho: globalização, competência e auto suficiência. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 31, n. 7, p. 48-52, jul. 2001.

_____; SUEYOSHI, M. de L. S.; MAZZEI, A. R. Abastecimento e preços de alho. _____, São Paulo, v. 22, n. 7, p.9-28, jul. 1992.

CLAUSSE, J. A. **Perfil do mercado**: alho. Argentina: SAGyP/DMPNT, set. 1995. 45 p.

EMBRAPA-HORTALIÇAS, 2004. Disponível em: <<http://www.cnph.embrapa.br>>. Acesso em: 2005.

FOOD AGRICULTURAL ORGANIZATION - FAO. **Production Yearbook**, Roma, v. 57, 2003.

_____. _____. Roma, v. 58, 2004. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: 2005.

HOFFMANN, R. **Estatística para economistas**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Levantamento Sistemático da Produção**. Rio de Janeiro, jun. 2004.

_____. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 1995-96**: consumo alimentar domiciliar per capita. Rio de Janeiro, 1998. 106 p.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Programa nacional de produção e abastecimento - 1986-90**. Brasília, 1985. 23 p. Mimeo.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC/SECRETARIA DO COMÉRCIO EXTERIOR - SECEX. Disponível em: <www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: ago. 2004.

SECRETARIA DE AGRICULTURA, GANADERIA, PESCA Y ALIMENTACION - SAGPyA. Disponível em: <<http://www.sagpya.mecon.gov.ar>>. Acesso em: 2004.

MERCADO DE ALHO NO MERCOSUL: produção, estacionalidade e consolidação do mercado

RESUMO: O estudo analisa o abastecimento do alho no Brasil no período 1970-2004. Descreve as interferências dos acordos comerciais (ALALC e ALADI), a política agrícola dirigida ao setor e a influência do MERCOSUL após 1990. Conclui que o alho importado sempre participou do comércio brasileiro. No entanto a produção brasileira teve incremento significativo após a implantação do Plano Nacional de Produção e Abastecimento de Alho na década de 1980. Calcula o padrão estacional bianual de preços e quantidade de alho nacional e importado, no mercado atacadista de São Paulo e no Mercado Central de Buenos Aires (MCBA), no período 1998-2003. Conclui que o alho chinês e o da Argentina interferem na estacionalidade de preços e a época de abastecimento é definida conforme sua procedência. O MCBA cresceu em importância na vigência do MERCOSUL como abastecedor na Argentina.

Palavras-chave: alho, mercado, produção, preços, MERCOSUL.

GARLIC IN THE MERCOSUR: production, seasonality and market consolidation

ABSTRACT: The study analyzes the supply of garlic in Brazil over 1970-2004. It describes the inferences of the commercial agreements (ALALC e ALADI), the agricultural policy oriented to this sector, and the influence of the Mercosur after 1990. It verifies that imported garlic always participated in the Brazilian trade. However after the implementation of the Garlic Production and Supply National Plan in the 1980's decade the domestic production had a significant increase. The study calculates the seasonal biennial price pattern and the amount of national and imported garlic in the wholesale market of Sao Paulo and in the Central Market of Buenos Ayres (MCBA) over 1998-2003. It concludes that the Chinese and the Argentinean garlic interfere in the price seasonality and that the supply period is defined according its origin. Under the MERCOSUR, the MCBA has taken on an increased importance as a supplier in Argentina.

Palavras-chave: garlic, market, production, prices, MERCOSUR.

Recebido em 24/01/2005. Liberado para publicação em 20/04/2005.

Informações Econômicas, SP, v.35, n.7, jul. 2005.